



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA INFÂNCIA: ESTUDO DE CASO DO FILME TOMBOY

Samilly Fernandes Sampaio¹; Rafaela Andresa da Silva Santos²;

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – samilly_sampaio@hotmail.com ² Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande – rafaela1102@hotmail.com;

INTRODUÇÃO

A infância nem sempre foi vista como uma fase da vida importante para construções subjetivas e de formação de identidades. Por muitos séculos é possível perceber a não representação de um espaço de reconhecimento das crianças, sendo estas concebidas, ao longo da história, como adultos em miniatura, sem diferenciação destes em relação a aspectos cognitivos, identitários e subjetivos, por exemplo. Segundo Ariès (2011), a infância é um conceito social construído historicamente e possui suas raízes na Europa. Tal conceito ocidental, segundo este autor, trouxe à tona as peculiaridades das crianças, distinguindo suas características das dos adultos.

É na infância onde as primeiras noções de si se formarão, onde haverá o entendimento da separação entre o seu corpo e do outro, bem como a introjeção das relações culturais, sociais e linguísticas de seu meio. Afastando-se das perspectivas que tratam o corpo como uma entidade biológica universal, e aproximando-se, em contrapartida, de uma perspectiva pós-estruturalista em que traz o corpo enquanto uma construção social, histórica e linguística que produz e sofre efeito das relações de poder (MEYER, 2004), é possível pensar relações e representações de gênero como construtos e não como determinantes biológicos.

Desde que nascemos somos lançados em relações de discurso normativo, onde as explicações sobre como devemos proceder com nossos corpos e desejos pairam sob uma ótica naturalista e até divina. Uma criança, ao nascer, recebe um nome que a rotulará como sendo do gênero feminino ou masculino de acordo com seu sexo biológico. Para as meninas, são comprados vestidos, bonecas e artigos cor-de-rosa. Para os meninos, carrinhos, bonecos e tudo de cor azul. As meninas devem gostar de meninos; e estes, de meninas. Mas quando as coisas não se dão bem assim?

O filme Tomboy (2011) levanta questionamentos, indagações e implicações a respeito das questões normativas sobre gênero e se apresenta como um significativo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

instrumento para se pensar e estudar as representações de gênero fugindo de pensamentos lógicos e naturais do que é se reconhecer enquanto menino ou menina. A expressão “tomboy” é um termo norte-americano utilizado para designar meninas que se vestem e se comportam da maneira que, tradicionalmente, se espera que meninos o façam (PAULINO, NUNES e CASTANHEIRA, 2013).

Pela concepção da autora do filme, a obra trata de “uma menina que finge ser um menino” (DOCKHAN, 2011, tradução nossa), trazendo Laure, uma menina de dez anos, como personagem principal, que se apresenta ao espectador com vestimentas tipicamente masculinas e corte de cabelo curto, o que a leva, a partir dos atravessamentos culturais, sociais e linguísticos nas questões de gênero, ser identificada como um garoto.

Como representações de gênero, consonante com Meyer (2004), compreendemos as formas como são representados os processos de construção social, histórica e linguística implicados na diferenciação entre mulheres e homens, nos quais produzem e sofrem os efeitos das relações de poder sobre os seus corpos.

Tomaremos, portanto, como principal aspecto do filme Tomboy (2011) as relações entre meninos e meninas, dentro desse universo das representações de gênero, o encontro com o corpo em mudanças e/ou o desejo por essas mudanças. Este trabalho não pretende enquadrar a película em uma literatura, mas tão somente trazer essa literatura para um diálogo com algumas das múltiplas possibilidades que o filme nos provoca.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada busca analisar, tomando como estudo de caso o filme Tomboy, lançado em 2011, escrito e dirigido por Céline Sciamma, as representações de gênero na infância, considerando as vivências das crianças do filme, em especial de Laure, diante do seu sexo e de seu gênero.

O propósito de um estudo de caso é analisar de forma intensa e profunda um tema em particular e a partir disso levantar discussões e conclusões. O estudo de caso é, assim, “um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE & HATT, 1969, p.422).

A escolha do filme Tomboy (2011) como objeto desse estudo de caso partiu da ideia de se levantar discussões a respeito das representações de gênero na infância despertadas pela trama. De forma sutil e não dogmática; provocante e envolvente, a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

diretora e roteirista do filme consegue fomentar questionamentos a respeito do que é ser menino ou menina e os primeiros encontros com a sexualidade no cotidiano infantil.

Em busca de favorecer o vínculo da literatura com a obra cinematográfica e buscando um diálogo entre ambas, o estudo de caso será realizado a partir de recortes de cenas pontuais da película em que tragam abertura para a discussão de representações de gênero no contexto infantil.

Muito embora a obra também suscite discussões sobre a construção de identidade transexual na infância, não pretendemos tomar como foco no nosso estudo essa questão, visto que o filme, pretensiosamente, não deixa clara a conclusão dessa formação identitária de Laure, personagem principal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obra tem início com a mudança de Laure e sua família para um bairro no subúrbio da França, com novos vizinhos, nova escola, nossos amigos e novas oportunidades/possibilidades, trazendo assim a ideia da instabilidade/mudança de vida. Dentro desse cenário, o longa segue mostrando a cena na qual Laure conhece sua vizinha, Lisa. Por suas vestimentas tipicamente masculinas e cabelos curtos, Laure é identificada pela personagem Lisa como um garoto. A personagem principal parece se utilizar desse espaço, no qual poderia caminhar pelos dois gêneros, e, quando perguntada sobre seu nome, se identifica como Michael.

Segundo Queiroz (2014), toda criança se encontra em um tempo de transição, no qual lhe são aceitas algumas atividades, e muitas outras lhe são vetadas; essas proibições acabam por influenciar os processos de identificação do indivíduo. No caso de Laure, a película sugere que a permissividade gerada por aquele novo grupo social admitiu, para ela, uma possível identificação com o gênero masculino. No entanto, é importante ressaltar que o filme não deixa claro que o fato de Laure se passar por Michael afirme sua mudança de gênero, no entanto não nos certifica também que o faz pelo simples intuito de uma brincadeira. O que conseguimos perceber com certeza é a vontade de Laure de se relacionar com aqueles novos amigos de maneira diferente daquela que é naturalizada.

Os dias se seguem e, ao passo que Laure/Michael aproxima-se cada vez mais de Lisa, parece também observar mais meticulosamente as ações dos garotos do seu novo círculo de amizade, como jogar bola sem camisa e cuspir no chão. Ao chegar a sua casa, a/o personagem também se despe de sua camisa e se analisa em frente ao espelho



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

parecendo buscar similitudes corporais com os seus novos colegas. Continuando com o que parece uma busca à pertença ao novo gênero, Laure/Michael cospe na pia.

Para Louro (1997), gênero refere-se à forma como as diferenças sexuais são vistas e compreendidas em uma determinada sociedade, determinado grupo social ou determinado contexto, ou seja, não são as diferenças sexuais biológicas que delimitam as questões de gênero, mas tão somente as maneiras como essas questões são representadas na cultura. O recorte de cena acima explanado dialoga com a literatura apresentada, na medida em que Laure/Michael tenta reproduzir comportamentos culturalmente aceitos como masculinos para ser reconhecida/o em seu grupo como genuinamente deste gênero.

A fluidez com que Laure/Michael perpassa pelos dois gêneros sem parecer haver uma preocupação em seguir padrões socialmente construídos do que é ser menino e do que é ser menina, se apresenta na cena quase que imediatamente posterior ao futebol com amigos em que a/o personagem reproduz comportamentos tipicamente masculinos. Nesta nova cena, Lisa a/o chama para passarem a tarde juntas/os, brincando e dançando. Em certa altura da trama, Lisa pede para fantasiar Laure/Michael de mulher, que lhe concede o pedido. A/O personagem não parece se incomodar com o fato de transitar pelos dois gêneros, visto que as representações de gênero de um ou de outro parecem lhe caber. Na concepção de Hall, o sujeito pós-estruturalista é percebido como esse ser provisório e circunstancial, o que vemos nitidamente em Laure/Michael, que transita pelos trejeitos tipicamente masculinos e femininos, em maiores ou menores proporções, durante quase toda a trama.

Ao longo da trama, é feito a Laure/Michael um convite para nadar, por sua amiga Lisa. A/O personagem improvisa sua cueca de banho de seu antigo pai. Ao vesti-lo, em frente ao espelho, sente falta de algo que a/o distingue dos outros garotos. Diante disso, Laure/Michael cria de sua massinha de modelar seu próprio falo, apresentando posterior satisfação por sua invenção. A criação do falo pode ser percebida aqui tomando em vista os processos criativos ativados que os sujeitos também precisam para se (re)inventar em sua construção identitária de gênero que, para Laure/Michael, parece ser algo não fixo. Após o uso do falo, Laure/Michael o guarda junto aos seus dentes de leite em uma caixinha, podendo representar, de forma simbólica, aquilo que também lhe foi retirado, e que permite o seu desenvolvimento.

Caminhando para o fim da trama, Laure/Michael envolve-se em uma briga com um colega, o que leva sua mãe a descobrir como havia se apresentado aos colegas. Em uma cena na qual a normatividade e o modelo binário sexista lhe incidem, Laure/Michael é coagida/o por sua mãe a vestir-se com trajes tipicamente femininos para mostrar a todos que é menina. Ao final da trama, Laure/Michael, retorna a seu vestuário característico, e se apresenta para Lisa finalmente como Laure, permitindo ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

espectador possíveis questionamentos e não lhe dando respostas sobre sua identidade de gênero e a condição sexual, se é que existe de fato essas identidade e condição fixas para a personagem.

CONCLUSÃO

A infância se mostra uma etapa preenchida de descobertas e questionamentos, e é diante disso que *Tomboy* (2011) nos faz refletir a luz das representações de gênero e seu significado na vida em sociedade. Laure/Michael se mostra em período de permissividade percorrendo os dois gêneros e se sente livre em fazê-lo. Além disso, seus pais mostram-se abertos para aceitar sua preferência por artigos masculinos a femininos, mesmo, contudo, não apoiando o fato dela se apresentar e se identificar como um menino.

A película nos traz uma criança que se manifesta com representações de gênero diferentes das normatizadas pela sociedade, na medida em que seus trajes e cabelos são tipicamente masculinos e, por vezes, seus comportamentos. Diante desse desejo de se vestir como menino e se comportar como tal, a personagem principal nos provoca questionamentos no que diz respeito a sua identidade e sua representação de gênero.

Antes de conclusões, o filme *Tomboy* nos suscita questões. Desde sua própria conclusão fílmica que não permite ao espectador ter certezas a respeito de Laure até implicações teóricas sobre este universo que são os estudos sobre gênero, das construções de identidades, das condições sexuais, bem como também das existências legítimas das possíveis não-categorias, não-gêneros e não-condições. As vivências “tomboy” estão sempre em reticências.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

DOCKHAN, J. “Tomboy”: Interview avec Céline Sciamma. *Allo Cine*. Paris, França. 2011. Disponível em: http://www.allocine.fr/article/fichearticle_gen_carticle=18603428.html/. Acesso em: 23/04/2014.

GROSSI, M. P. *Identidade de Gênero e sexualidade*. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 15 págs, 1998.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

GOODE, W. J. & HATT, P. K. Métodos em Pesquisa Social. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, G. Gênero e magistério: identidade, história e representação. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

MEYER, D. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília – DF, 2004.

PAULINO, A. G., NUNES, A. R., & CASTANHEIRA, M. A. M. Cinema e gênero nas lentes de tomboy. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X.

TOMBOY. Direção: Céline Sciamma. Produção: Bénédicte Couvreur; Rémi Burah. Roteiro: Céline Sciamma. (82 min.), son, color. França: Hold Up Films, 2011.